

O rádio no cotidiano dos rurais

Radio in rural daily life

Kátia de Lourdes Fraga y Ana Louise de Carvalho Fiúza

Resumo

Este artigo integra um dos capítulos do ebook “Estudos radiofônicos no Brasil: 25 anos do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom” e tem como objetivo averiguar se o rádio ainda permanece presente no cotidiano das populações rurais no Brasil. Partimos da premissa de que apesar dos avanços ocorridos nas últimas décadas nas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), a mídia radiofônica se mantém entre os rurais como veículo de comunicação que possibilita laços de pertencimento, de reconhecimento e constituição de identidade pela proximidade com os modos de vida no campo.

Palavras-chave: Rádio, Rural, Mediação, Representação Social

Introducción

O rádio tornou-se um meio que permitiu conectar o que vem das culturas camponesas com o mundo da sensibilidade urbana. Conservando suas falas, suas canções e os traços de seu humor, o rádio faz a mediação entre a tradição e a modernidade (Barbero, 2003, p. 281). O que torna o rádio popular é sua ligação com a vida das pessoas, conforme descreveremos a seguir em alguns estudos referenciais para essa discussão.

No viés das relações simbólicas, Bianchi (2003) avalia a configuração de rural construída no rádio e o rural vivenciado pelos moradores do campo. Ela analisa de que maneira ocorre a construção de sentido entre o *rural vivido* e o *rural midiaticizado* no relacionamento entre a mídia radiofônica e os ouvintes, levando em consideração as etapas de produção, produto veiculado

e recepção. Foram analisados dois programas de duas emissoras distintas, localizadas no município de Erechim, na região norte do Rio Grande do Sul: Hora do Chimarrão, transmitido pela rádio Erechim AM e Brasil de Norte a Sul, da rádio Difusora AM.

A recepção foi pesquisada em três comunidades: Linha Bigolin, Povoado Coan e Linha Batistela, todas localizadas próximas ao município de Erechim e caracterizadas pelo perfil econômico de pequenas propriedades rurais. Para além dos produtos e das falas, Bianchi (2003, p. 20) buscou entender como as diferentes lógicas de todas as partes envolvidas no processo comunicacional, com suas dinâmicas e especificidades, configuram sentidos.

Em todos os aspectos de abordagem, a autora considera os processos midiáticos e os processos socioculturais para verificar apropriações, conflitos, dissensões e concordâncias entre o que é vivido no cotidiano do campo e a imagem sensorial do rural nas irradiações radiofônicas. No que se refere à produção e ao produto, observou-se nessa pesquisa e em outros estudos realizados sobre programas radiofônicos, que o conteúdo é estrategicamente planejado para conquistar. No caso em questão, a produção prepara programas que tenham vinculação com matrizes culturais do rural, desde músicas sertanejas, temas de interesse dos moradores do campo, comentários e comerciais voltados para o cotidiano rural, o interior. No viés do consumo de mídia, o público tem autonomia para escolher que mídia escutar e qual programa é pertinente aos seus interesses.

Para Bianchi (2003) todas as partes investigadas se relacionam em suas dinâmicas, modos, contextos, no processo comunicacional, lugar de configuração de sentidos. O relacionamento entre mídia e recepção leva em consideração diferenciados usos, temporalidades, cenários, mediações não apenas pela opção de sintonizar um programa em detrimento do outro, mas também a preferência pelo rádio como instrumento de marca de vivências, histórias nas quais o rádio esteve presente e, por isso, permanece no cotidiano rural.

O significado do rádio para mulheres rurais

Deus no céu e o rádio na terra: papel do rádio junto às mulheres rurais de Pitanga/Paraná, de Celsina Alves Favorito (2004), é outra pesquisa relevante neste cenário. Ela buscou compreender o lugar ocupado pelo rádio na casa e na vida das mulheres rurais por ela entrevistadas, em fins dos anos 80 do Século passado. Seu objeto de estudo foi a Rádio Auriverde, localizada em

Pitanga, segundo maior município em extensão do Paraná. Na época da pesquisa, o rádio ainda era o único veículo de comunicação e funcionava como o grande elo entre a cidade e o campo.

Celsina Favorito afirmava reconhecer o papel importante exercido pelo rádio no meio rural, principalmente pelas características de baixo custo, mobilidade, imediatismo, linguagem oral, dentre outras. Mas ela estava instigada por constatar, além disso, qual era a relação existente entre o público feminino e o rádio. Ela disse ter escolhido o estudo de gênero pelo fato de as mulheres representarem um percentual considerável da população brasileira, e por exercerem várias jornadas nas atividades de mãe, dona de casa, doceiras, vendedoras de frutas e animais, bem como no trabalho de campo, diariamente ou em temporadas específicas de colheita agrícola e, desta forma, contribuírem para o orçamento familiar.

A partir da investigação, constatou que a Rádio Auriverde adotava estratégias para ser um elo entre a cidade e o campo, levando alegria e lazer para seu público, adotando um conteúdo, música e mensagens pertinentes com o cotidiano da audiência. As mulheres rurais, segundo a autora, tinham com este canal de entretenimento uma grande intimidade e chegavam a personificá-lo de tal forma que conversavam e se emocionavam com ele, rindo, chorando, se lamentando, rezando, dançando. O rádio ocupava um lugar tão especial em casa quanto a Bíblia:

Pro pessoal aqui do interior, que parece que anoitece mais cedo, e que não tem claridade da luz elétrica e sim da lua, o rádio é uma peça sagrada. Certos momentos, acredito que é tão sagrado quanto a Escritura Sagrada. Para o nosso povo sofrido, que luta e que às vezes não encontra muita saída, a Bíblia é a resposta porque dentro da casa ela representa Deus. Ele está em primeiro plano e, em segundo, está o rádio. Então, com a Bíblia estamos em comunhão com Deus, com o rádio estamos em comunhão com o mundo, em contacto, acompanhando tudo o que está se passando à nossa volta (Favorito, 2004, p. 99).

A declaração é do Padre Bessa, apresentador do “Crescer em Comunhão” um dos programas da emissora, e expressa o lugar social atribuído ao rádio na vida dos rurais na década de 1980. No relato, o padre explica o porquê do aparelho radiofônico estar sempre junto à Bíblia nas casas das famílias que

vivem no campo. Na concepção do sacerdote, enquanto a escritura possibilita o diálogo com o sagrado, o rádio facilita a interação social. Os programas de maior audiência eram A Palavra é da Mulher (voltado ao público feminino), Alma Sertaneja (musical), Crescer em Comunhão (religioso) e o Tribuna do Povo (variedades). O rádio era o principal canal de informação para as mulheres. Era por meio dele, em sua maioria, que elas tinham ligação com o mundo. Em seguida, conforme apontaram nas entrevistas realizadas pela pesquisadora, citavam os vizinhos como fonte de notícias, principalmente por meio do que ouviam nas viagens que realizavam ou pelo que liam em folhetins ou revistas encontradas na igreja, em dias de missa.

Levando em consideração a carência da população, em termos de transporte, assistência médica, educação formal, o rádio tinha uma função importante no contexto político, econômico, cultural e geográfico. Por isso, não seria exagero “afirmar que Deus era tão importante no céu, quanto o rádio era importante na Terra. Ambos eram responsáveis pela sobrevivência desse público, seja essa sobrevivência espiritual ou material” (Favorito, 2004, p. 100).

Apesar de transcorridos mais de 30 anos dessa declaração, período em que ocorreram significativas transformações sociais (proliferação de novas tecnologias e alterações no rural), averiguamos por meio de outras pesquisas que o rádio ainda se mantém entre os rurais como veículo de comunicação que possibilita laços de pertencimento, de reconhecimento e constituição de identidade pela proximidade com os modos de vida no campo.

A cultura caipira nas ondas do rádio

Em pesquisas mais recentes, podemos citar outros exemplos da relação entre o rádio e a população rural. Assim como outras irradiações no cenário radiofônico brasileiro, o programa Sertanejo Classe A, da rádio Musirama, na cidade mineira de Sete Lagoas, a cultura caipira está presente. No ar há mais de quatro décadas, tornou seu idealizador e apresentador Jovelino Gomes Faria, o Guará, um personagem reconhecido por sua audiência. Sua morte, ocorrida em setembro de 2015, foi sentida por uma legião de ouvintes. Tanto que a cidade ficou de luto oficial por três dias.

O “Sertanejo Classe A”, popularmente identificado como “Programa do Guará”, codinome do locutor, entrou no ar em 19 de maio de 1970 e perdeu a voz carismática em 19 de setembro de 2015, com a morte do radialista, vítima

de um infarto fulminante. A marca do programa que apresentou por 45 anos, como ele mesmo dizia, era ser essencialmente “caipira”.

Fraga, Souza e Fiúza (2016) constataram que o apresentador adotava estratégias para manter traços de ruralidade no seu programa e, assim, criar laços de identificação com seu público, mantendo a essência do “caipira”. Esse termo foi norteador para Antônio Cândido (1964), em sua tese de doutorado sobre os modos de vida dos caipiras paulistas no município de Bofete, nos anos de 1948 a 1954.

Segundo Cândido, caipira expressa um “modo-de-ser”, um estilo de vida e não um tipo racial. A base dos modos de vida dos rurais, conforme Cândido, é a sociabilidade, já que os grupos sociais se organizam e se ajudam mutuamente para atender as suas necessidades. Os “caipiras” constituiriam uma espécie de família, por meio da qual as pessoas se ajudam, se divertem, compartilham suas vidas. Podemos transpor essa marca para o rádio, no qual são estabelecidos laços de sociabilidade como no programa analisado, dentre tantos outros exemplos no cenário radiofônico nacional.

A música foi um dos elementos da cultura caipira que se manteve viva após o movimento migratório para as cidades. A música caipira passa a ser denominada como sertaneja a partir do momento em que começa a ser tocada nas rádios e consumida como produto cultural, deixando de ser “simplesmente arte de expressão da alma do povo, para se transformar numa indústria gigante, sustentada por vendagens astronômicas” (Nepomuceno, 1999).

A diferença principal entre a música caipira e a música sertaneja está relacionada ao lugar onde cada uma delas é praticada. A música sertaneja existe em si mesma. Para ouvi-la não é necessário estar presente no momento em que essa é criada, ou estar inserido em um ritual comunitário. Por outro lado a música caipira em suas origens sempre esteve ligada a rituais. Independente de denominações, Guará fazia questão de dizer que em seu programa privilegiava a música “caipira”, com modas de viola e músicas sertanejas.

O programa idealizado por Guará -atualmente apresentado por outro radialista, que não faz parte da nossa análise-foi composto por quadros como “Consagração a Nossa Senhora de Aparecida” às seis da manhã; seguido pelos quadros: a “Hora do Caminhoneiro”; a “Hora da Sopa”; a “Catira” seguidos da “Hora do Recado” e do momento de dar “o beijinho das crianças” quando o apresentador lembra de seus fãs mirins. Nesse trabalho, vamos en-

focar especificamente os quadros onde a referência ao “caipira” ou a rotina deste se faz mais presente, são eles: “Catira”; “Hora da Sopa”; “Hora dos Recados”, e “Carro de Boi”, no encerramento. Assim, o “Sertanejo Classe A” recriou o ambiente rural, com seus sons, seus costumes, suas músicas, suas danças, seu modo de falar, de receber os amigos e até mesmo de cozinhar.

O rádio como difusor da ciência para o público rural

Nesse contexto, é importante lembrar também de programas que levam ao agricultor conhecimento científico por meio do rádio. Um dos exemplos é o Prosa Rural, voltado para a divulgação da pesquisa agropecuária desenvolvida pela Embrapa, voltado para jovens e produtores da agricultura familiar.

Prosa Rural é um canal mediador de informações entre os centros de pesquisa e os produtores rurais do Brasil. As irradiações levam conhecimentos acerca da ciência, da tecnologia e das políticas públicas relativas à área, buscando contribuir para o desenvolvimento. O rádio tem um papel importante no meio rural pela facilidade de acesso (Miura e Escobar, 2008).

O programa foi construído de forma coletiva, segundo Miura e Escobar (2008), “com base em uma análise de campo, que ouviu estudantes de escolas técnicas, produtores rurais, pesquisadores de instituições governamentais e não-governamentais, radialistas, donas-de-casa” (p. 12), além de outras pessoas nos estados do Nordeste em discussões que envolveram técnicos da Embrapa com diferentes formações e profissionais do rádio com grande experiência. No formato de variedades, o programa abriu espaço para Um Dedo de Prosa, voltado para entrevista com especialistas em determinados assuntos; Favas Contadas, um bloco cultural com música, conto e poesia; Pitacos da Hora para receitas e dicas de aproveitamento, dentre outros.

A veiculação do Prosa Rural foi feita pela parceria com emissoras comerciais e comunitárias da região, para transmissão gratuita do seu conteúdo. Em 2004, havia o apoio de 50 rádios. Era produzido inicialmente apenas para a região Nordeste, mas a cada ano, a Embrapa ganhava novos territórios. O programa passou a ser veiculado ao longo dos anos em mais de mil emissoras comunitárias, comerciais, educativas, universitárias e religiosas em todas as regiões do país (Miura e Escobar, 2008).

Na pesquisa de audiência e de recepção, A equipe da Emater viu um

resultado satisfatório diante das críticas levantadas. A investigação girou em torno da qualidade do programa, dos temas e dos conteúdos veiculados, além do formato e da linguagem utilizados a partir da perspectiva do público. Foram criados indicadores para avaliar a eficiência do uso do rádio pela Embrapa a fim de verificar se o programa atingia o objetivo central de levar o conhecimento técnico e científico de forma acessível para jovens e produtores da agricultura familiar.

A estratégia do uso do rádio para a divulgação científica voltada para o campo foi positiva, segundo as autoras, pelo fato de o rádio ser um veículo que facilita a comunicação com as comunidades rurais. Outro fator de destaque é a facilidade de compreensão dos ouvintes pela linguagem coloquial do rádio, permitindo o entendimento até mesmo de pessoas com baixo nível de escolaridade ou analfabetas.

Espaço para o fazendeiro no ar

Para falar sobre o rádio no cotidiano da vida no campo, não poderíamos deixar de lembrar um marco histórico. Considerado o programa mais antigo do rádio brasileiro, “A Hora do Fazendeiro” entrou no ar no dia 8 de setembro de 1936, quatro dias depois da fundação da Rádio Inconfidência. Segundo Nair Prata (2003), a Inconfidência é a emissora mais tradicional de Minas Gerais, nasceu pública e com a vocação de unir a Capital e o interior. Para garantir uma padronização moderna, o então governador Benedito Valadares equipou a emissora com aparatos importados de Londres.

De segunda a sexta-feira, sempre às 17 horas, “A Hora do Fazendeiro” entra no ar com os primeiros acordes da sanfona de Rubens Diniz, tocando a rancheira Campo Belo, de Antenógenes Silva (Campelo, 2006). Seu conteúdo traz informações gerais, dicas essenciais para os produtores rurais, entrevistas com técnicos agrícolas e pecuários, além da autêntica música sertaneja de raiz.¹

Wanir Campelo menciona (2006) que o produto foi idealizado pelo secretário Estadual da Agricultura na época da fundação da emissora, Israel Pinheiro, e produzido, durante 42 anos ininterruptos, pelo engenheiro agrônomo, João Anatólio Lima. Mas ele nunca falou ao microfone. Segundo a pesquisadora, vários locutores fizeram apresentação durante esses mais de

¹ Disponível em www.inconfidencia.com (acessado em 2 de janeiro de 2016)

setenta anos em que o programa está no ar, dentre eles os irmãos Francisco e Paulo Lessa, o médico Teófilo Pires, o engenheiro Walter Coscarelli, Helionice Rabelo Mourão, os bacharéis em Direito, Rubem Tomich, Ulpiano Chaves e Jacomini Tomazio, o engenheiro químico Antônio Vono Filho, mais conhecido como Bentinho do Sertão, Geraldo Eustáquio e José Penido. Atualmente é apresentado por Tina Gonçalves e Cristiano Batista, com produção e reportagem da jornalista Aline Louise.

A representação do rural no rádio

Diante dos estudos já apresentados aqui e de outros que vamos mencionar a seguir, é importante pontuar se e de que forma a mídia radiofônica exerce influência como difusora de representações sociais dos rurais. Seguindo os princípios conceituais de Moscovici (2001) e Jodelet (2001), entendemos as representações sociais como fenômeno, envolvendo os indivíduos em seus ambiente de pertença social, cujos pensamentos, formas de conduta, experiências de vida são manifestados ou transmitidos pela comunicação social. Esta também deve ser analisada como fenômeno e não é somente o reflexo das relações sociais.

Em sua dissertação de mestrado *Alô Pantanal: estudo sobre as relações entre um programa de rádio e três comunidades rurais do município de Corumbá –MS*, Fonseca Júnior (1998) investigou de que forma a sociedade corumbaense se sentia representada no programa “Alô Pantanal”, produzido pela Rádio Difusora Matogrossense, no município de Corumbá, Estado de Mato Grosso do Sul. Ele também indagou quais fatores estariam relacionados à inserção desse programa nas três comunidades rurais selecionadas como objetos de análise.

O nome do programa foi escolhido em função da especificidade local, já que a maior parte do território de Corumbá encontra-se dentro dessa imensa planície inundável localizada na divisa entre o Brasil, Bolívia e Paraguai: o Pantanal (Fonseca Júnior, 1998). A Rádio Difusora é uma das emissoras mais antigas do Brasil e o programa “Alô Pantanal” era reconhecido como o mais tradicional pela identificação com seu público. Irradiado durante a semana sempre partir das doze horas, tinha como principal característica a transmissão de avisos destinados à população rural.

As três comunidades rurais do município de Corumbá (MS) escolhidas

foram: Baía do Castelo, Fazendas da Nhecolândia e Assentamento Taquaral. A primeira foi escolhida por abrigar uma grande população de ribeirinhos, tendo como principal atividade econômica a agricultura de subsistência; a região da Nhecolândia, caracteriza-se pelas grandes e tradicionais fazendas de gado; e o assentamento Taquaral é formado por pequenos produtores oriundos de outras regiões do país.

Os resultados da investigação apontaram para vários aspectos desde o contexto, o conteúdo, a relação entre o programa e as comunidades até o indicador social. O contexto representa a história tradicional da emissora, cuja estrutura e administração ainda refletia o estilo “capitão de indústria”, embora estivesse inserida num contexto de transformações gerenciais e tecnológicas no negócio radiofônico. O conteúdo é um indicador de audiência por tomar como base avisos e outras unidades de informação voltadas para o meio rural. Na estrutura, dividida em blocos, tendo os spots como referência, caracteriza o programa no gênero de serviço.

Embora o programa não seja uma reprodução “fiel” da realidade das comunidades, mas sua representação, ele passa a ser um importante indicador das transformações sociais, econômicas e culturais verificadas na região. Um exemplo disso é a divulgação de leilões de gado, fenômeno recente e posterior ao início da existência desse programa. O programa exerce um papel de mediador entre a ficção e a realidade. A sociedade real é a matéria-prima do “Alô Pantanal”, mas sua presença é transformada no processo de produção principalmente pela intervenção do imaginário do locutor Luiz Ribeiro Quidá a partir do seu conjunto de representações, crenças, desejos e sentimentos, criando-se, assim, uma sociedade rural imaginada (Fonseca Junior, 1998).

Consideraciones finales

A partir das experiências relatadas neste artigo, que servem de exemplo em relação a outros programas irradiados no cenário nacional e que dificilmente conseguiríamos retratar em um único artigo, podemos considerar que o rádio torna-se um veículo coadunado com a vida de comunidades rurais por se aproximar das práticas comunicacionais cotidianas dessa população. Este veículo de comunicação, então, constitui-se como um espaço de encontro, local onde as sociabilidades são refundadas.

Diante dos estudos apresentados, observamos a utilização de estratégias

(Certeau, 2004) no jogo intrínseco entre a produção e seu público. Buscar traços típicos do cotidiano dos ouvintes em questão e inseri-los na programação cria uma ideia comunidade rural imaginada nas ondas do rádio.

Dentre as estratégias, os apresentadores buscam valorizar especificidades do meio rural, suas raízes culturais e as características regionais. Assim, de acordo com Barbero (2003), essa comunicação, com foco nas necessidades locais, torna-se uma questão cultural não só de conhecimentos, mas de “re-conhecimento”, potencializando o exercício de identificação, de reconhecimento, por intermédio do discurso midiático.

Consideramos, portanto, que o rádio ainda permanece presente no cotidiano dos rurais, proporcionando sensações de intimidade e proximidade, conforme constatamos na nossa pesquisa. A modernidade parece não ameaçar essa mídia tradicional, que ainda consegue criar vínculos identitários, laços afetivos, e promover a representação social do rural em suas irradiações.

Bibliografia

- Barbero, J. M. (2003). *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Bianchi, G. S. (2003). *Rural Vivido e Midiatizado – relações simbólicas e sentidos produzidos a partir da escuta dos programas radiofônicos Hora do Chimarrão e Brasil de Norte a Sul por ouvintes das comunidades rurais Linha Batistela, Povoado Coan e Linha Bigolin*. Dissertação de mestrado/ UNISINOS, São Leopoldo.
- Campelo, W. (2006). Hora do Fazendeiro: Porque Minas, há 70 anos, se rende ao som verde que ecoa pelos campos quando cai a tarde. In: *Rede Alcar*. Disponível no site <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/4o-encontro-2006-1/> Acesso em 2 de abril de 2006.
- Cândido, A. (1964). *Os parceiros do Rio Bonito. Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.
- Certeau, M. (2004). *A invenção do cotidiano*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Favorito, C. A. (2004). Deus no céu e o rádio na terra: papel do rádio junto às mulheres rurais de Pitanga/Paraná. *Revista Estudos em Jornalismo e Mídia*, 1(1), 90-100. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1900/1809>.
- Fraga, K., Souza, N. e Fiúza, A. L. (2016). O caipira nas ondas de rádio:

- estudo de caso do programa sertanejo Classe A. *Revista Rádio-Leituras*, 7(1), 171-188.
- Fonseca Junior, W. C. (1998). *Alô Pantanal: estudo sobre as relações entre um programa de rádio e três comunidades rurais do município de Corumbá –MS*. Dissertação de mestrado. Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).
- Jodelet, D. (2001). Representações sociais: um domínio em expansão. En D. Jodelet (Org.), *As representações sociais*. (Trad. de Lilian Ulup). Rio de Janeiro: EdUER.
- Miura, J. e Escobar, L. (2008). Pesquisa de Recepção do Programa de Rádio Prosa Rural: Propondo uma Metodologia. En *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Natal, RN, 2 a 6 de setembro. [Anais...] Natal: Intercom. CDROM.
- Moscovici, S. (2001). Das Representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. En D. Jodelet (Org.), *As Representações sociais* (pp. 45-65). Rio de Janeiro: EDUERJ.
- Nepomuceno, R. (1999). *Música caipira: da roça ao rodeio*. São Paulo: Ed. 34.
- Prata, N. (2003). História do Rádio em Minas Gerais. En M. Rodrigues da Cunha e D. Fagundes Haussen (Org.), *Rádio Brasileiro: episódios e personagens* (pp. 67-88). Porto Alegre: EDIPUCRS.